

Nesta Edição

Educação popular na crise do capital, a quem servimos? Ou o que denunciaremos?	2 e 3
Prêmio Victor Valla – Os frutos do último prêmio Victor Valla – Avaliação geral	4
Seminário de Educação Popular na Formação em Saúde	5
Série SUS – audiovisual, intencionalidade e educação popular	6
Café Rural: encurtando distâncias e fronteiras para o cuidado rural	7
Rua Balsa das 10 – O blog, o coletivo	8
Manifestações artísticas e a luta pelo direito à saúde: a peça “Até quando?”	9
Comitê estadual de educação popular em saúde do rio de janeiro	09
Caderno de saberes: contando histórias de uma comunidade removida	11
Fazer em rede - continuação Ficha Técnica	12

Fazer em rede - continuação

Ernande Valentin do Prado

Na edição número 10 deste boletim, fomos lembrados que entre a edição número 9 e a número 10, seis anos se passaram. Qual a razão para um intervalo tão grande?

Neste período tivemos alguns governos que proporcionaram alguns frutos importantes, como a conquista da aprovação da Educação Popular em Saúde como Política Pública Nacional (PNEPS-SUS), entre outros ganhos, como nos lembrou Maria Waldenez.

Por outro lado, não podemos esquecer que a mesma conjuntura que propiciou os diversos avanços à Educação Popular, foi também a mesma que ficou marcada por inúmeras denúncias de corrupção. Evidente que a corrupção é inerente ao estado burguês, portanto não deveríamos esperar nada muito diferente, mas nosso apoio a esses governos foi quase unânime. Neste processo os movimentos sociais populares perderam legitimidade e credibilidade. Essa discussão esteve presente na edição anterior do Nós da Rede, numa análise realizada por Eymard Vasconcelos.

Será que em todo o período do Partidos dos Trabalhadores (PT), nossas análises

foram críticas o suficiente sobre os rumos que vivenciávamos no governo ou abrandamos nossas críticas em nome de uma fé mais ou menos infundada, diante de tudo que se passava?

Nesta edição, Estala Scandola, nos questiona: “Teria a educação popular (com todas as suas contradições) se afastado da máxima do pensar o singular, o particular e a totalidade?” e acrescento: teria a EP aberto mão do objetivo de contribuir com a criticidade e a autonomia do pensar do sujeito?

Do que mais abrimos mão, durante muito tempo e que esses seis anos de intervalo entre uma publicação e outra são um sinal inequívoco?

Continue lendo:
página 12.

Educação popular na crise do capital, a quem servimos? Ou o que denunciamos?

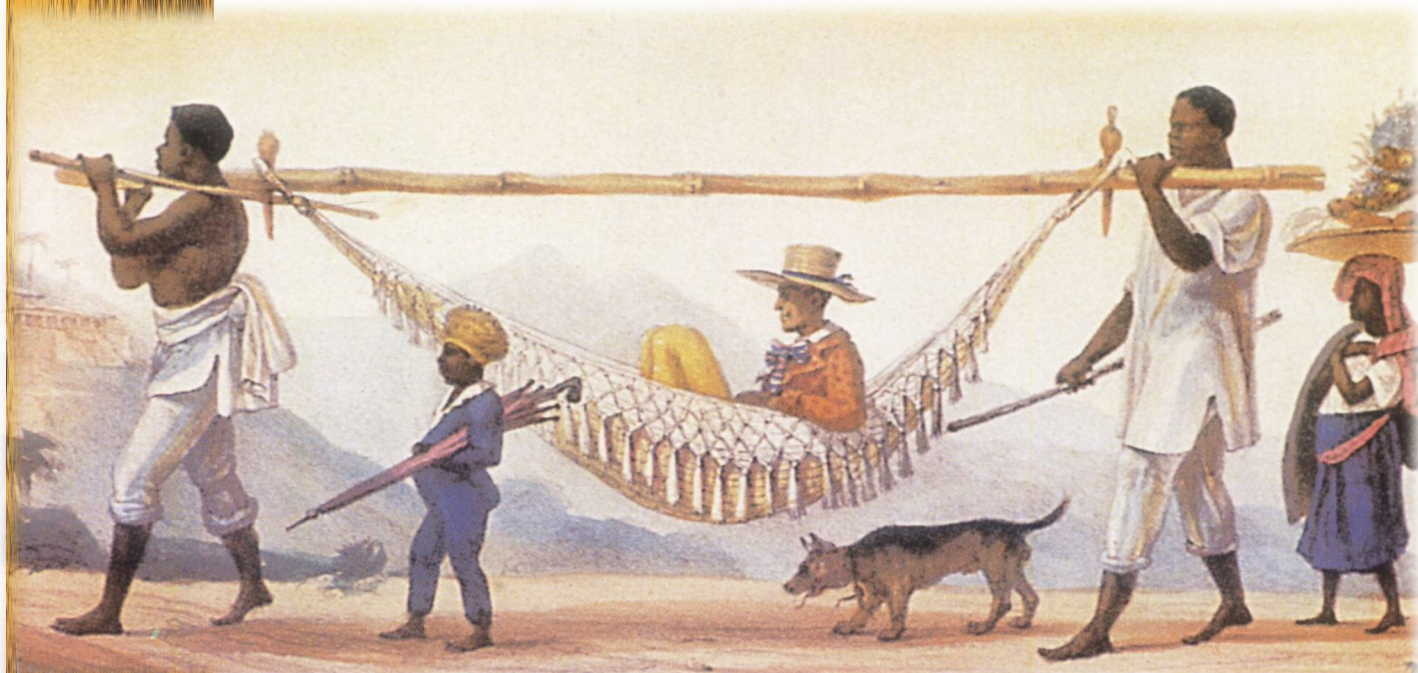
Estela Márcia Rondina Scandola

O histórico escravagista brasileiro tatuou pensares, sentires e ações autoritárias em todas as esferas da vida e o capitalismo encontrou nesse contexto o aconchego da exploração feito barbárie. Os lapsos de exercícios democráticos foram sempre seguidos de períodos de negação de direitos e, em todos os períodos, tivemos os grupos de resistência e avanço e, dentre esses, os teimosos da educação popular.

A educação popular, constituída de singulares experiências e matizes ideológicas diversas – mesmo considerando que todas se autodenominam de esquerda -, se (re) constrói em liames alimentados por escritos, articulações e encontros, sobretudo na busca de não confrontação entre grupos e linhas de pensares e agires. Em tempos de governos *populares-democráticos* (como se autoproclamaram aqueles que vieram pós 2003), a educação popular, com seus diversos coletivos na-

cionais, grupos e iniciativas locais se movimentou com o governo entre a adesão, adesão crítica, crítica negociada e, em raras iniciativas a negação do papel daqueles governos na construção da democracia econômica e social. Resultado de todas as linhas é a política de educação popular inscrita no SUS e seus princípios, sobretudo constituindo-se como política pública de governo com participação da Casa Civil, inclusive com uma Rede de Educação Cidadã apoiada financeiramente.

Mesmo com o novo status continuou sendo, na institucionalidade, um conjunto de projetos, iniciativas e experiências, tendo o seu solapar por dentro do próprio governo. Outras iniciativas que se tornaram hegemônicas em financiamento e disseminação por dentro do SUS foram, por exemplo, seus discursos e documentos inscreveram as metodologias ativas como os cristais que desconsideraram os trabalhadores do vidro e seu labor, sobretudo as relações de produção e proces-



sos de trabalho na construção da cristaleira. Em nome do aceitável, sem tensionamentos e crises, eclodiu-se o despolitizado que se afastou do desvelamento das determinações sociais e econômicas e necessária resposta ao “de que lado estamos”?

Teria a educação popular (com todas as suas contradições) se afastado da máxima do pensar o singular, o particular e a totalidade? Teria sua utopia sido limitada ao limiar de mudar um pouco para manter o tudo na exploração capitalista? Teríamos nós, da educação popular, descuidado dessa cíclica e dolorida forma do Brasil viver em permanente ditadura e, portanto, nos apegado às faíscas democráticas como se democracia fosse?

Em tempos de crise do capital que se traveste em máscaras de enfrentamento de corrupção, de garantia de liberdade dos trabalhadores, que desafios estão colocados para o conjunto multicolorido que se constitui a educação popular a) na denúncia da malvez do capitalismo; b) na corporificação transnacional das lutas de resistência aos desmontes de direitos; c) no anúncio e no exercício de outras formas de viver e conviver com as diversidades – todas as diversidades- sobre-



tudo, outras economias?

Que as tatuagens dos de cima - classistas, escravagistas, machistas, racistas, etnocentristas, adultocentristas, urbanocentristas, heterocentristas -, cravadas nos de baixo, normalizadoras do sofrimento e da violência, estejam na INTENCIONALIDADE da denúncia, sem nenhuma hierarquia de importância. E que o nosso falar, como exercício da consciência, não se curve a nenhuma proposta com direitos pela metade.

A educação popular não fará a revolução, mas não pode se colocar no puxar para trás o movimento popular que a constrói. Pode e deve, sobretudo, estar junto com as dores da tomada de consciência e com as alegrias de saber-se construindo outros mundos possíveis, necessários e já a caminho.

“Teria a educação popular (com todas as suas contradições) se afastado da máxima do pensar o singular, o particular e a totalidade?”



Prêmio Victor Valla – Os frutos do último prêmio Victor Valla – Avaliação geral

Julio Wong Un

Prêmio Victor Valla” o prêmio de Educação Popular em Saúde que valorizou produções diversas

Revista de APS

A Revista de APS foi criada em 1998. Uma publicação científica, trimestral do Núcleo de Assessoria, Treinamento e Estudos em Saúde (NATES) e Mestrado de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Tem parceria com a Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade (SBMFC) e com a Rede de Educação Popular e Saúde (REDEPOP).

As atuais representantes da RedePop na Revista APS são:

Vera Joana (Rio de Janeiro – RJ)

Maria Amélia Medeiros Mano (Porto Alegre – RS)

Paulette Cavalcante (Recife – PE).

A Revista APS publica dois número anuais. Contato:

Isabel Leite - e-mail:

revista.aps@ufjf.edu.br

Victor Valla, educador, historiador e sanitarista, originário da Califórnia (EUA), mas brasileiro por opção e paixão, nos deixou em 2009, mas deixou muitas sementes e propostas valiosas. Podemos dizer sem duvidar que ele foi fundamental para construir a interface entre educação popular e saúde coletiva no Brasil. E ainda trouxe à reflexão/ação temas que hoje são aceitos na academia e na gestão, mas que nos anos 80 e 90 não eram valorizados, como o conhecimento produzido pelos setores populares, as redes solidárias de apoio social, a religiosidade do povo como forma de mudança e luta social, e os impasses na compreensão entre população e profissionais da saúde dentre outros temas. Valla é das pessoas que nos deixam, mas não nos deixam. Valla, junto aos seus colaboradores, sempre procurou trabalhar junto às organizações populares.

Por isso, pela inspiração que ele sempre trouxe e traz, os coletivos de educação popular em saúde e o ministério da saúde decidiram nomear como "Prêmio Victor Valla" o prêmio de Educação Popular em Saúde, que valorizou produções diversas (experiências, pesquisas, vídeos e produções artísticas escritas) e que teve duas edições: uma em 2011 e outra em 2015. O prêmio foi instituído pela equipe de educação popular em saúde, coordenada por Osvaldo Bonetti, e sediado no Departamento de Apoio à Gestão Participativa, DAGEP, na Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde.

Na segunda edição concorreram mais de 200 trabalhos tendo sido premiados três trabalhos em cada uma das categorias [ver lista detalhada no site: <http://bit.ly/2vNPRNW>] e 28 receberam menção honrosa.

Com isso, além de valorizar a nova leva de produções brasileiras que se identificam com a perspectiva freireana na saúde, lembramos o nosso mestre Valla, sempre presente.

Seminário de Educação Popular na Formação em Saúde

Amélia Dreyer Machado



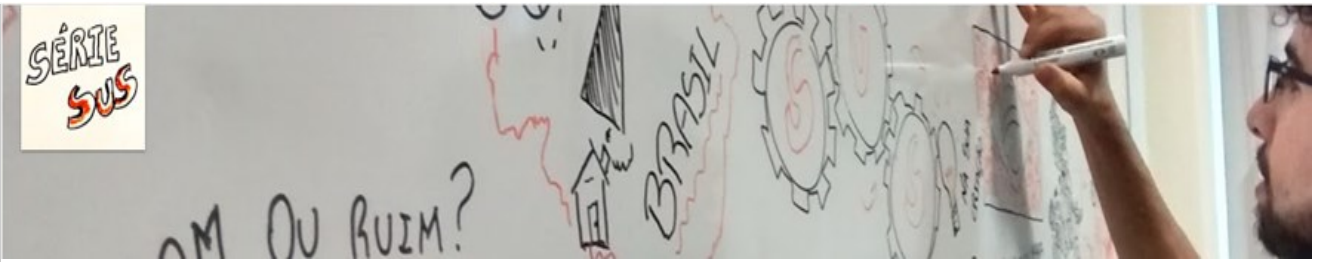
De 10 a 13 de dezembro de 2014 aconteceu em João Pessoa-PB o Seminário Nacional de Educação Popular na Formação em Saúde. O Seminário foi pensado pelo movimento de Educação Popular em Saúde, com o objetivo de: a) pensar estratégias de ampliação da presença da Educação Popular e avaliar sua contribuição na formação de profissionais de saúde no ensino técnico, na graduação, pós-graduação e controle social, como uma forma de forçar uma mudança no modelo de formação biomédico. b) ser um espaço de difusão destes conhecimentos bem como de troca de saberes e experiências.

Foi um evento riquíssimo, onde ocorreram trocas de saberes e práticas de forma dinâmica e participativa. Dentre as atividades, aconteceu o lançamento de um número temático da revista Interface, voltado à Educação Popular em Saúde, com apresentação dos artigos pelos autores que se fizeram presentes. O evento contou com a presença do Projeto PalhaSUS que ao mesmo tempo descontraíu o ambiente fez pensar quanto ao diferente no cotidiano da vida. Ainda oportunizou atividades culturais, dança circular com uma ciranda dançada ao ritmo de todos, do coletivo. Ocorreram ainda painéis com pesquisas sobre o tema “Educação Popular na Formação em Saúde”, debates de temas transversais, círculo de cultura e plenária.

As metodologias diversificadas em cada dia fizeram com que as atividades se tornassem agradáveis. Além da oportunidade de aprendizado, de trocas, foi também um momento de encontros e reencontros de pessoas queridas, pessoas que se juntam por um mesmo sonho: o de tornar a educação popular uma realidade na formação de profissionais de saúde!



Para uma visão mais completa deste seminário, sugerimos conhecer o blog: <<http://seminarioepsformacao.blogspot.com.br>> Ele tem uma sessão com todos os documentos sistematizados durante o evento.



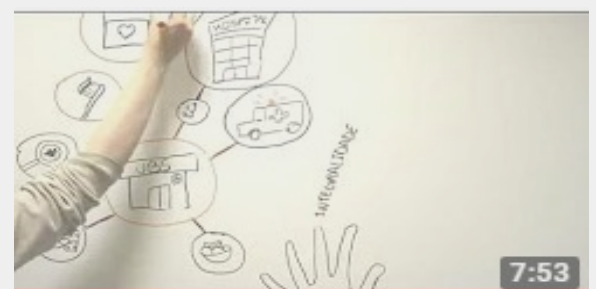
Série SUS – audiovisual, intencionalidade e educação popular

Mayara Floss

Em 2015 foi desenvolvido um projeto audiovisual sobre o Sistema Único de Saúde (SUS). O projeto Série SUS surgiu no contexto para capacitar a População Brasileira em seu direito à Saúde, utilizando as ferramentas de comunicação audiovisual e aprendizado através de uma animação de quadro branco. A série consiste em três episódios de vídeo de 4 a 8 minutos sobre o SUS. O primeiro é um panorama do sistema. O segundo foca no processo histórico e o terceiro sobre os princípios do SUS. O primeiro episódio foi publicado em 07/06 e o terceiro em 07/07/2015. Nos primeiros 90 dias (de 04/06 a 01/09/2015), os vídeos no *YouTube* tiveram 20.623 visualizações. No total, os episódios tinham 38.968 visualizações em *FaceBook* e 78.264 visualizações em *YouTube* (de 04/06/2015 a 17/03/2016), esses dados incluem principalmente as postagens oficiais dos vídeos. A superação de 20.000 visualizações pela primeira semana da publicação do primeiro episódio e o total de visualizações mostra a viralização do conteúdo, reforçada pela publicação da série através de sites, revistas e etc. As séries SUS foram extensivamente compartilhados nas mídias sociais. Considerando apenas as visualizações do Canal do You Tube, nos três primeiros episódios, são: 489.265.

O sucesso da série SUS mostra o poder da democratização e a criação de consciência entre as mídias sociais e a internet. Para conhecer a sé-

rie SUS acesse: Série SUS: Disponível em: [Goo.gl/xoyi1T](https://goo.gl/xoyi1T)



Você já ouviu falar bem do SUS? 396 mil visualizações no YouTube



Vídeo 1 - Você já ouviu falar bem do SUS? 152 mil visualizações no YouTube



Vídeo 1 - Você já ouviu falar bem do SUS? 95 mil visualizações no YouTube

Café Rural: encurtando distâncias e fronteiras para o cuidado rural

Mayara Floss



Em 2015 foi criado o “Rural Family Medicine Café” - Café Rural de Medicina de Família e Comunidade (MFC) -, apelidado de “Café Rural”. A intenção desde o início do projeto

era horizontalizar, a nível internacional, as discussões em torno do trabalho em saúde em zonas rurais. A ideia é a de os participantes estarem em um café, juntos, conversando, unindo: profissionais experientes de todo o mundo, estudantes de graduação e jovens profissionais da saúde para discutir temas específicos.

O desejo de criar o Café Rural veio com o meu retorno após estágio em áreas rurais irlandesas em 2014-2015 enquanto realizava o Programa Ciência Sem Fronteiras. A curiosidade que tive e os profissionais que fui conhecendo lá, foram me dando novas perspectivas sobre a saúde, acesso e cobertura das populações rurais a nível global. Quando voltei para o Brasil, queria continuar tendo contato com essas ideias e pessoas. Certamente com grande influência da Liga de Educação em Saúde (projeto iniciado em 2010 na FURG) e do Rua Balsa das 10 (Blog que deu origem a um livro), não queria mais um espaço academicista e verticalizador. No início o foco era a MFC rural, mas, aos poucos outros profissionais tem participado e se integrando nas reuniões do Café Rural.

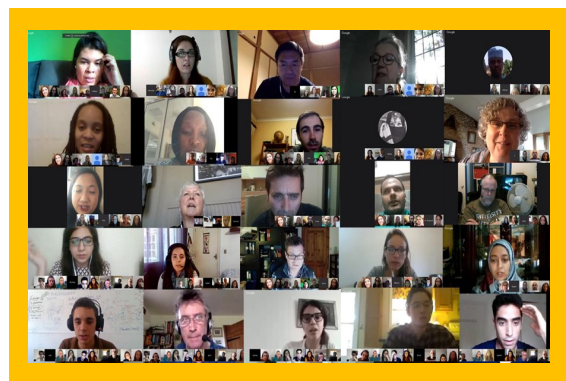
O projeto é uma transmissão ao vivo realizada no YouTubeLive, em uma sala de conferência virtual com um ar despojado “como se estivéssemos em um café”, com uma discussão simultânea no Facebook (<https://www.facebook.com/pg/ruralfamilymedicinecafe/>) e no Twitter com a hashtag #RuralCafe . Anualmente o objetivo é realizar uma conversa ao vivo em uma conferência, conectando pessoas de todo o mundo. Fizemos um vídeo explicando: <https://www.youtube.com/watch?v=jsFwFijj00Y> . Até o momento, todos os continentes participaram do Café Rural, e mais de 40 países partici-

param das transmissões com cerca de 100 pessoas integrando virtualmente e pessoalmente. Os temas discutidos foram: as conferências (WONCA Europa, Pré-conferência mundial de MFC e Pré-Conferência mundial de saúde Rural), conectividade e mídias sociais, desafios na saúde rural, diferenças no cuidado urbano e rural, educação médica e saúde rural, mulheres em saúde rural, populações indígenas, artes e saúde rural, meio ambiente e mudanças climáticas, currículo rural, pesquisa rural, “Rural Medical Education Guidebook”, “O que é MFC?”, equidade no rural e desastres naturais no contexto rural.

Em Cairns-Austrália, em maio deste ano realizamos o segundo encontro ao vivo com os participantes. No palco, havia desde integrantes da OMS até jovens médicos e acadêmicos do mundo todo. Um dos momentos mais marcantes desde a criação do projeto foi o comentário sobre a quebra de hierarquia dos profissionais asiáticos: “eu pude falar com a mesma voz do meu professor”. Assista o vídeo da transmissão aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=SL7yCmJpwPU&t=3051s> . E a transmissão durante o congresso mundial de MFC realizado no Brasil: <https://www.youtube.com/watch?v=FxlEBBvVFzU&t=1s> .

Em setembro, o Café Rural estará na sua 24ª edição com o tema: "Recrutando acadêmicos para as áreas rurais". A iniciativa mostra que não há fronteiras ou distâncias que impeçam o diálogo e a troca.

Links: Facebook: <https://www.facebook.com/ruralfamilymedicinecafe/> (@ruralfamilymedicinecafe)



Rua Balsa das 10 – o Blog, o Coletivo



O Blog Rua Balsa das 10 nasce da surpresa pelo comum, do espanto pelo cotidiano, da paixão pelo homem simples de José de Souza Martins, do reencantamento pelas histórias de todos os dias de Carlos Rodrigues Brandão. Memórias, amores, problematizações, poesias e desabafos fazem parte do convés dessa nau que tem como vela a Educação Popular em Saúde freireana e como vento, a amizade. Encontro de amigos, uns, caminhantes que iniciam, outros, com mais calos nos pés. Todos, de alguma forma, estreando caminhos, novas cartas náuticas, novos passos em estradas de terra, ruas, rios e mares e, por que não, nos ares, em sonhos renovados nos passos do menino que se atrasa para a balsa. A balsa que leva a pequena ilha onde tudo acontece e nasce no Sul do Brasil. Após quatro anos de escritas, mais de 150.000 visualizações, nasce um livro azul cuja capa se faz barco: dobradura simples que toda criança um dia fez das folhas de caderno de escola e colocou em movimento em dias de chuva, em poças limpas ou em sarjetas. Muitas realidades: periferias urbanas, ônibus lotado, roça, sertão e

mar. O cuidado em todos os cantos e contos, os Outros Cantos de Maria Valéria Rezende, autora do prefácio. Muitas cores nas ilustrações de Paula Wong. O artesanato de Valquíria Rabelo e Patrícia Rezende do Estúdio Guayabo. Todos navegam nas histórias com Eymard Vasconcelos, Ernande do Prado, Julio Wong, Mayara Floss e Maria Amélia Mano: os balseiros que insistem na simplicidade do pequeno movimento dos dias em contraposição às tormentas dos grandes discursos, bandeiras, ideologias e instituições. Em tempos de tempestades éticas, a escrita entre terna e raivosa não pretende lançar verdades, mas permite o olhar em luneta, do alto do mastro: “terra à vista!”. Esperança verde que é semente e árvore frondosa.

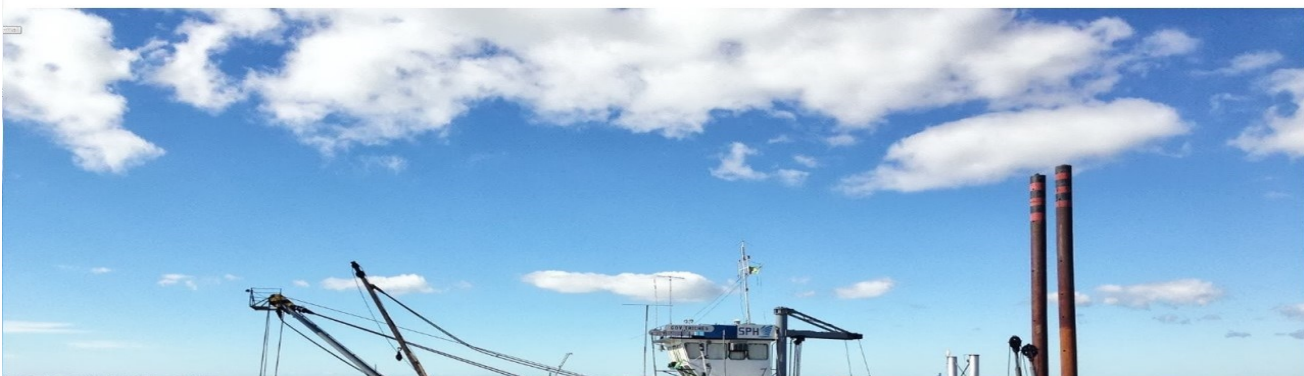


Cadastre-se em nossa página no facebook e receba atualizações semanais

☰ RUA Balsa das 10

cotidiano, saúdes, vidas, poéticas, sensibilidades, ternuras, raivas, gritos

RUA PRINCIPAL · O QUE É RUA Balsa das 10? · RODANDO A BOLA · SEM TOMAR O PODER



Manifestações artísticas e a luta pelo direito à saúde: a peça “Até quando?”

Maria Constantina Caputo ~ David Ramos da Silva Rios

A peça “Até quando?”, desenvolvida pelo Programa “Promoção da Saúde e Qualidade de Vida”, financiado pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (Sesu/MEC), e vinculado ao Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia (IHAC-UFBA), surgiu diante das inquietudes perante as injustiças observadas no cotidiano das vidas brasileiras e do desejo de compartilhar saberes e trocar experiências para além dos muros da Universidade.

A peça é fruto de um conjunto de atividades de extensão baseado na pesquisa-ação e na reflexão interdisciplinar dos problemas sociais, levando-se em conta o conceito ampliado de saúde, bem como a importância do controle social no processo de consolidação do direito à Saúde.

As atividades foram desenvolvidas no Bairro de São Cristovão, em Salvador-Bahia, e teve o seu roteiro estruturado por meio das reflexões interdisciplinares dos discentes e docentes, de diversos cursos de graduação da UFBA, bem como pela análise dos problemas vividos, cotidianamente, pela comunidade e a sociedade em geral.

Ao longo de dois anos os habitantes da comunidade, bem como os discentes universitários, foram estimulados, por meio de oficinas e reflexões, a analisarem as condições de vida e saúde, na realidade de São Cristovão. Por meio de algumas questões norteadoras como “O que é a saúde para você?” e “Como está a saúde em São Cristovão?” os sujeitos foram incentivados a pensa-

rem a sua realidade.

O conjunto das atividades e reflexões propiciou a elaboração da peça teatral. O seu objetivo é dramatizar situações vividas na comunidade que permitam a reflexão crítica dos sujeitos sobre suas condições de vida, seus direitos sociais, e a importância da mobilização social na construção de um caminho que garanta uma melhor qualidade de vida a todos.

“Até Quando?” pode ser um importante instrumento para o estímulo da participação popular na consolidação do Direito à Saúde, bem como dos demais direitos sociais. Espera-se que a obra seja um disparador da mobilização e da transformação social, nas mais distintas comunidades.

Além do mais, a peça poderá ser utilizada como metodologia de trabalho em sala de aula, para debates sobre o conceito ampliado de saúde, determinantes sociais, promoção da saúde, direito a saúde, empowerment, políticas públicas, mobilização, e participação social.

A peça encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CE9EpCgw0dg>>

O depoimento dos estudantes participantes está disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=68Lr-vNcRtl>>



Comitê estadual de educação popular em saúde do Rio de Janeiro

Luanda Lima

O projeto de criação do Comitê Estadual de Educação Popular em Saúde do Rio de Janeiro começou a tomar forma ao longo do ano de 2015, a partir de uma série de encontros entre representantes da Secretarial Estadual de Saúde (SES) e de alguns movimentos sociais, como a Articulação Nacional de Educação Popular em Saúde (ANEPS) e o Grupo Pela Vida, e posteriormente outras entidades, como a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, o GT de Educação Popular da ABRASCO, e o Movimento de População em Situação de Rua, que constituíram o Grupo Formador.

Em dezembro de 2015, num desses encontros, os participantes fizeram avaliações escritas e sem identificação, onde expressaram algumas das principais expectativas sobre a criação desse comitê, dentre elas podemos ressaltar a capilarização da educação popular em saúde nos municípios, com o fortalecimento de práticas em saúde e ampliação da participação popular.

O comitê foi instituído por meio de deliberação CIB em reunião ocorrida em 13 de maio de 2016, e publicado na p. 17 do Diário Oficial do Estado, em 03 de junho de 2016, com o objetivo de fortalecer, viabilizar e cumprir com a implantação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS) no Estado do Rio de Janeiro, articulando os diferentes movimentos, entidades e instituições que atuam e promovem a educação popular em saúde na perspectiva do SUS.

A partir da sua existência oficial, já ocorreram três reuniões do Comitê, com representantes do Grupo Formador, para pensar desdobramentos e estratégias de ação. No entanto, em virtude da grave crise que afeta o Estado, levando ao não pagamento regular dos servidores e dos fornecedores de serviços para o Estado, vem ocorrendo um grande esvaziamento na SES, que também reflete na dinâmica de ação do Comitê.

Uma nova energia para a revitalização do Comitê veio em 2017 através do Curso de Educação Popular em Saúde, o EdpopSUS II, promovido pelo Ministério da Saúde e Fiocruz/ Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Voltado prioritariamente para agentes comunitários e de vigilância em saúde, propiciou o desenvolvimento de 6 turmas no Estado, e para 2018 teremos mais 20 turmas. São educadores e educandos, discutindo educação popular em saúde por todo o Estado do Rio de Janeiro, formando uma imensa rede que irá, sem dúvida, dar corpo e alma ao Comitê.



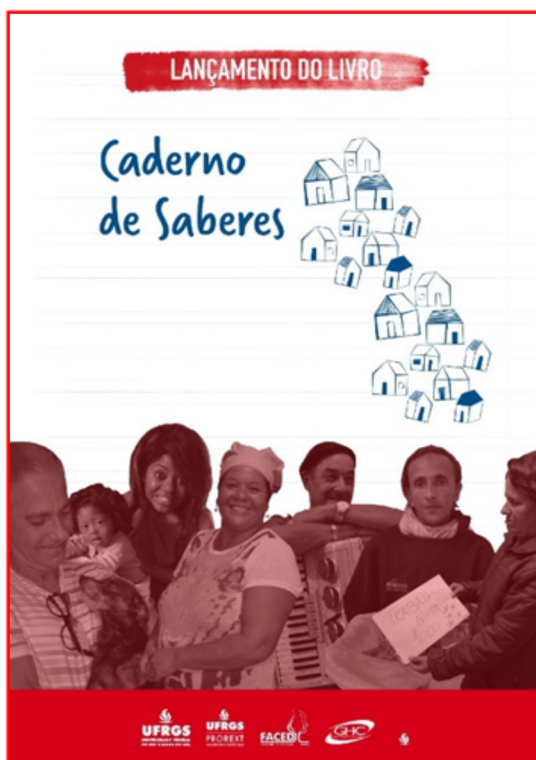
Caderno de saberes: contando histórias de uma comunidade removida

LANÇAMENTO DO LIVRO

Maria Amélia Medeiros Mano ~ Luiza Campos Menezes

Aramito, Geo, Ângela, Anastácio e Zulmar contam um pouco de seus caminhos, de seus ofícios e de suas histórias no Caderno de Saberes, produção última do Projeto Memórias da Vila Dique. Destinado a registrar e contar as histórias de dois territórios, o de saída, a Vila Dique e o de chegada, o Porto Novo, este projeto é processo, movimento, composição e descoberta constantes. Descoberta que nasce do “pequeno relato”, do “pequeno movimento”, ainda no território da Vila Dique, quando, em consultas médicas, as pessoas contavam seus medos e suas dores relacionadas à remoção da comunidade para um território distante e desconhecido. A remoção de famílias, que por mais de 40 anos havi-

e lutas, foi e continua sendo to da Copa do Mundo de 2014. Saúde Santíssima Trindade, o (GHC) e a Universidade Fedepossibilitou, primeiro, as ro- o videodocumentário, o curta- co quando o desafio era o a despedida. Quando o desafio e agora, o projeto se volta no- pequeno movimento. Com ele, aconchego e de vida: a casa. saberes, os sentires e as expe- res. O saber do tocador de saber da doceira oficial, da artesã que faz arte do lixo, do chorro e do pai-de-santo que



am construído laços de amizade mais um resultado do megaeven- As parcerias entre a Unidade de Grupo Hospitalar Conceição ral do Rio Grande do Sul (UFRGS) das de memória, as publicações, metragem e o caderno pedagógi- grande movimento: a passagem, passou a ser o novo, a luta, o aqui vamente para o que o inspirou: o retornamos ao menor espaço de Assim, debruçamo-nos sobre os riências geradas por esses sabe- sanfona que é afiador facas, o cantora de hinos religiosos, da construtor de casinhas de ca- joga búzios. Conhecemos nomes

Fazer em rede - continuação

Continuação da página 1

Tanto o boletim anterior, de dezembro de 2017, quanto essa nova edição, fevereiro de 2018, mostram que a EPS não sucumbiu, que não existia apenas pela vontade do governo e por isso não caiu junto com ele. As atividades ainda vivas e em pleno desenvolvimento Brasil adentro, publicadas na seção Ações da Rede, provam isso. Porém, o que melhor mostra essa disposição em continuar a pensar junto com o povo, desta Rede de pessoas e instituições, neste momento, é a própria maneira como foi realizada essas duas edições do Boletim Nós da Rede, ou seja, de forma colaborativa entre pessoas identificadas com o fazer da Educação Popular. Cada sujeito, de forma autônoma, doou partes de seu talento, seu tempo, não apenas para escrever e assinar textos, mas para confeccionar, construir e fazer acontecer o próprio boletim enquanto produto de nossos objetivos comuns.

Em outros tempos, teriam essas duas edições sido publicadas?

Mesmo desconsiderando a impressão dos exemplares, quanto teríamos que pagar em dinheiro pelo mesmo trabalho?

Penso que cada vez mais temos que confiar em nós mesmos, em nossos talentos, nossos tempos, nossas estruturas para fazer a EPS continuar a acontecer. Práticas como essa, despojadas de vaidades, de lutas por hegemonia, não nos eram estranhas em outros tempos e hoje precisam ser resgatadas para que nossos sonhos não sejam abandonados.

É o momento de retomar ações em rede, ações que tenham o nosso tamanho e o tamanho de nosso compromisso, ações autofinanciadas. Será que temos essa disposição?



Rede de Educação Popular e Saúde

NÓS DA REDE

Boletim informativo da Rede de Educação Popular e Saúde.

Fevereiro de 2018. Número 11.
Publicação digital

Organizadores:

Ernande Valentin do Prado
Eymard Mourão Vasconcelos
Maria Waldenez de Oliveira

Revisão:

Ana Clara Arantes e
Rogério Bittencourt de Miranda

Diagramação:

Ernande Valentin do Prado

Imagens:

Página 2 e 3: Imagens capturadas na internet.
Página 4: Imagem do site da revista de APS
Página 5: Fotos de Ernande.
Página 6 : Imagens dos vídeos da série SUS.
Página 7: Imagens do Café Rural.
Página 8: Blog e facebook Rua Balsa das 10.
Página 9: Foto da página do Conselho Estadual de Saúde do Rio de Janeiro.
Página 10: David Ramos da Silva Rios
Página 11: Capa do livro Caderno de Saberes.

Os textos deste número foram elaborados a partir da Lista de Discussão da Rede de Educação Popular e Saúde.

Endereços:

<redepop+unsubscribe@googlegroups.com>
<<http://www.ccm.ufpb.br/redepopsaude>>